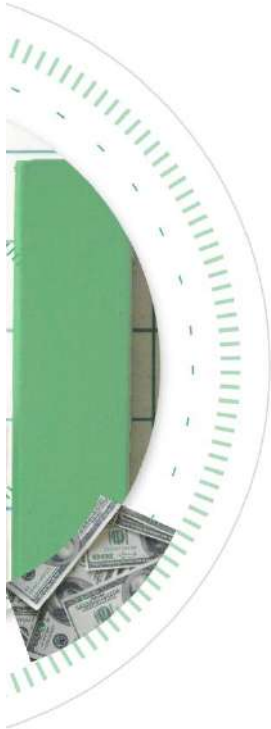


Comportamento Semanal de Mercado

14 a 21 de julho





Sedimentando as apostas

Para a semana que se adentra fica o destaque para as reuniões de política monetária do *Federal Reserve* (Fed) e do *European Central Bank* (ECB). Nos EUA, apesar dos pedidos de seguro desemprego na semana anterior abaixo do esperado, indicando que o mercado de trabalho segue apertado, os dados mais fracos da atividade, como as vendas no varejo e produção industrial, e a desaceleração no ritmo de alta dos preços, ratificam a hipótese de apenas mais uma alta de 0,25 p.p. na taxa básica de juros. Entretanto, é improvável que a autoridade monetária sinalize o final do ciclo. É também consenso de que ECB eleve a taxa básica em 0,25 p.p. para 4,25% a.a.. Com uma projeção mais otimista do que as estimativas do Boletim Focus, o Ministério da Fazenda revisou a projeção de crescimento do PIB para 2023 de 1,9% em mai/23 para 2,5%. A alteração deveu-se ao resultado do PIB no 1T23 ter sido melhor do que o previsto para o setor agropecuário e para alguns subsetores de Serviços e Indústria (Extrativa e a Produção e distribuição de energia e gás), além da expectativa positiva do início do ciclo de flexibilização monetária em função da desinflação em curso. Contudo, em consonância com a queda de -2,0% verificada no IBC-Br do Banco Central, o monitor do PIB da FGV apontou que a atividade econômica se retraiu em -3,0% em maio. Acumulando uma deflação de -7,89% a.a. em julho (-6,31% a.a. em jun/23), o IGP-10 confirma o momento favorável para a desinflação. Os indicadores de demanda por crédito da Serasa Experian apresentam quedas no semestre de -3,5% para empresas e de -12,5% para famílias. Adicionalmente, em função do aumento da inadimplência, houve no 1º semestre um aumento de 52,1% nos pedidos de recuperação judicial. Esses fatores alimentam um possível corte de 0,50 p.p. na taxa Selic na próxima reunião do Copom, reduzindo os prêmios nas partes curta e intermediária da curva de juros. Por fim, a divulgação do IPCA-15 de julho poderá trazer mais subsídios para a tomada de decisão.

Agenda de Indicadores

Nacionais

Data	Indicadores	Período de referência
25/jul	IPCA-15 - IBGE	jul/23
25 a 28 jul	Sondagens de Confiança - FGV	jul/23
26/jul	Estatísticas do Setor Externo - BCB	jun/23
27/jul	Nota Operações de Crédito - BCB	jun/23
27/jul	Resultado Primário do Governo Central - Tesouro	jun/23
27/jul	Geração de vagas formais - Caged	jun/23
28/jul	Taxa de Desemprego - Pnad	jun/23
28/jul	Estatísticas Fiscais - BCB	jun/23
28/jul	IGP-M - FGV	jul/23

Internacionais

Data	Indicadores	Período de referência
24/jul	Zona do Euro e EUA - PMI Manufatura e Serviços	Jul/23 - prévia
24/jul	Confiança do Consumidor (Conference Board)	jul/23
26/jul	Fed - Reunião de Política Monetária	-
26/jul	EUA - Vendas de casas novas	jun/23
27/jul	BCE - Reunião de Política Monetária	-
27/jul	EUA - PIB	2º trimestre – 1ª leitura
27/jul	EUA - Vendas de casas pendentes	jun/23
28/jul	Zona do Euro - Confiança do Consumidor	Jul/23 - final
28/jul	EUA - Renda e Gastos Pessoais e Deflator dos Gastos com Consumo	jun/23
28/jul	EUA - Confiança Consumidor (Universidade Michigan)	01/07/2023 - final

Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Internacional

A atividade econômica nos EUA deu sinais de moderação em junho. Após avançar 0,5% em maio, as vendas no varejo cresceram 0,2% no mês na série dessazonalizada, variação abaixo do aumento esperado de 0,5%. No comparativo com jun/22, o incremento foi de 1,5%. A dinâmica refletiu a moderação nas vendas em lojas de materiais de construção e em postos de combustíveis. Mas, a despeito de uma leitura agregada mais fraca, quando se excluem os itens mais voláteis, as vendas aumentaram 0,6%, superando as expectativas de 0,3%.

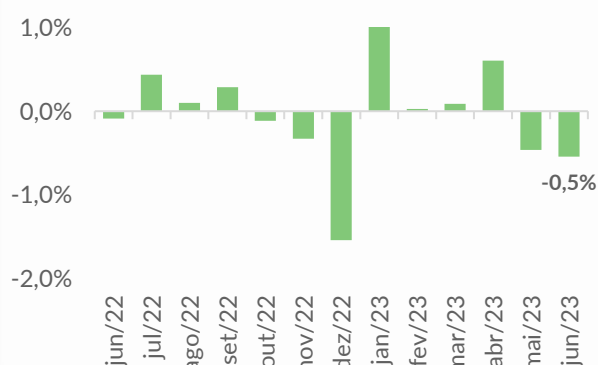
No mesmo período, a produção industrial mostrou uma contração de -0,5%, ficando abaixo da estabilidade esperada pelo mercado. A maior parte dos principais grupos do indicador apresentaram queda em junho. Com as reduções de -3,8% na produção de eletrodomésticos e móveis e de -3,6% nos produtos automotivos, o índice de bens de consumo duráveis diminuiu em -2,7%. Enquanto a retração de -0,9% no índice de bens de consumo não duráveis refletiu as quedas de -2,1% em vestuário de -1,8% em energia e de -1,3% em alimentos e tabaco. Ademais, o Fed informou que a taxa de utilização da capacidade instalada saiu de 79,6% em mai/23 para 78,9%. Por fim, os pedidos semanais por seguro desemprego nos EUA recuaram em 9 mil na semana encerrada em 15/07 para 228 mil, abaixo da previsão de 242 mil solicitações.

Mantendo a trajetória de desaceleração, o índice de preços ao consumidor (CPI) da Zona do Euro passou de 6,1% a.a. em mai/23 para 5,5% a.a. em junho, com as contribuições de: +2,35 p.p dos produtos alimentares, álcool e tabaco, +2,31 p.p. dos serviços, +1,42 p.p. dos bens industriais não energéticos e -0,57 p.p. da energia. Na comparação mensal, o CPI avançou 0,3%, acelerando em relação à estabilidade observada em mai/23. O núcleo, que desconsidera preços mais voláteis como de energia e alimentos, acelerou de 5,3% em mai/23 para 5,5% a.a.. Dados

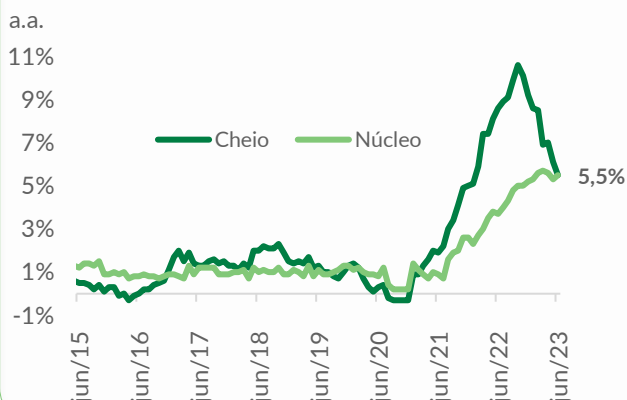
preliminares apontaram que o índice de confiança do consumidor da Zona do Euro subiu de -16,1 em jun/23 para -15,1 em julho, resultado melhor da previsão de -16,0.

Na Ásia, o Banco Popular da China (PBoC) manteve inalterada as suas principais taxas de referência para empréstimos, apesar do ciclo de crescimento econômico mais fraco. Do lado da atividade, a produção industrial acelerou de 3,5% a.a. em mai/23 para 4,4% a.a. em jun/23, acima da previsão de 2,7% a.a.. Já as vendas no varejo cresceram em um ritmo mais lento, saindo de 12,7% a.a. em mai/23 para 3,1% a.a. em junho. No semestre, a produção industrial avançou 3,8% e as vendas cresceram 8,2%.

EUA – Produção Industrial
Variação Mensal



Zona do Euro – Inflação ao Consumidor



Fonte: Board of Governors of the Fed | .Eurostat. Elaboração ABBC

Aversão ao Risco

Com a divulgação de poucos indicadores relevantes na semana que antecede as reuniões dos comitês de política monetária nos EUA e Zona do Euro, houve uma ligeira melhora na aversão ao risco com os investidores calibrando as suas posições.

Nos EUA, apesar dos pedidos de seguro desemprego na semana anterior abaixo do esperado, indicando que o mercado de trabalho segue apertado, os dados mais fracos da atividade, como as vendas no varejo e produção industrial, e a desaceleração no ritmo de alta dos preços, ratificam a hipótese de apenas mais uma alta de 0,25 p.p. na taxa básica de juros. A ferramenta *FedWatch* do CME Group indica uma probabilidade de 99,8% desse aumento e de 80,3% da manutenção do *Fed Funds* entre 5,25% a.a. e 5,50% a.a. em setembro.

Sendo improvável que o Fed sinalize os seus passos futuros que dependerão da evolução dos indicadores, os rendimentos dos *Treasuries* exibiram pouca oscilação, com o de 2 anos subindo 0,08 p.p. para 4,82% a.a., o de 5 anos 0,05 p.p. para 4,09% a.a. e o de 10 anos 0,01 p.p. para 3,84% a.a..

Com a redução da inflação ao consumidor de 6,1% a.a. em mai/23 para 5,5% a.a. em junho, os principais dirigentes do ECB entendem que o processo inflacionário segue em linha com o projetado, reforçando um posicionamento menos agressivo no que tange à política monetária. Dessa forma, espera-se mais uma alta de 0,25 p.p. na taxa básica de juros na próxima reunião, ainda deixando abertos os espaços para eventuais alterações futuras. Assim, o retorno dos *bonds* alemães de 2 anos recuou -0,11 p.p. para 3,08% a.a., o de 5 anos -0,05 p.p. para 2,55% a.a. e o de 10 anos -0,04 p.p. para 2,47% a.a.. Em linha, a expectativa é de que o *Bank of England* também se mostre menos agressivo, com uma alta de 0,25 p.p na taxa básica para 5,25% a.a.. Na semana, o retorno dos *bonds* ingleses de 2 anos caiu -0,27 p.p. para 4,92% a.a., o de 5 anos -0,22 p.p. para 4,36% a.a. e o de 10 anos -0,17 p.p. para 4,27% a.a..

Na ausência de grandes catalisadores, as principais bolsas internacionais encerraram com ganhos na semana, respondendo aos bons resultados corporativos. A Nasdaq teve queda de -0,6%, porém verificando-se elevações de 3,1% na FSTE 100, de 2,1% no Dow Jones, de 0,7% no S&P 500 e de 0,4% no DAX 40. A exceção ficou com as bolsas asiáticas, impactadas pela fraca performance da economia chinesa, apesar do anúncio de novos estímulos econômicos. Com isso, houve quedas de -2,2% no Xangai e de -0,3% no Nikkei 225.

As *commodities* apresentaram comportamentos distintos, as tensões da ruptura do acordo de grãos entre Rússia e Ucrânia levaram o preço da saca de soja em Chicago subir 0,35% e o do trigo avançar 8,7%. A cotação do barril de petróleo tipo Brent aumentou 1,50%, em linha com a queda nos estoques nos EUA. Já o preço do minério de ferro repercutiu os temores com a lenta recuperação chinesa, recuando -0,81%.

Internamente, os investidores seguem ajustando suas posições, no aguardo da decisão de política monetária. Na semana, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, recuou -2,95 bps para 174,67 bps.. O Ibovespa voltou a encerrar com ganhos, com uma alta de 2,1% na semana, em linha com a melhora do sentimento e com o recuo dos juros futuros.



Câmbio

Na semana, o dólar ganhou força no mercado de câmbio internacional. O *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa norte-americana em relação a uma cesta de moedas dos países desenvolvidos, subiu 1,16%, refletindo as depreciações de 1,86% na libra esterlina e de 0,93% no euro. Em consonância, o índice que mede a variação de uma cesta de moedas emergentes em relação ao dólar recuou - 0,81%, com destaques para as depreciações de 3,10% na lira turca, de 1,66% no peso argentino, de 1,41% no peso mexicano e de 1,01% no peso chileno. Na outra direção, ressaltam-se as apreciações de 2,79% no peso colombiano, de 0,82% no rand sul-africano e de 0,25% na rupia indiana.

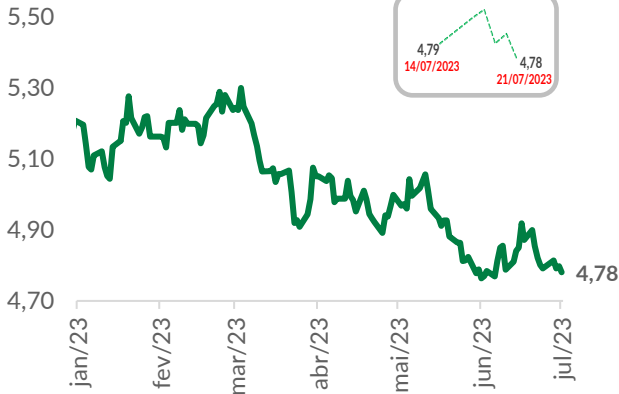
Em uma semana de baixa volatilidade, o dólar encerrou cotado a R\$ 4,78 após bater em R\$ 4,81 em 17/07 e 18/07, o que representou uma apreciação de 0,23%. Embora com agenda esvaziada, o real se beneficiou do fluxo cambial positivo. Na primeira quinzena de julho (até 14/07), o fluxo cambial foi superavitário em US\$ 3,88 bilhões, decorrentes dos superávits de US\$ 2,62 bilhões no saldo comercial (US\$ 10,13 bilhões em exportações e US\$ 7,50 bilhões em importações) e de US\$ 1,25 bilhão no financeiro (US\$ 24,53 bilhões em compras e US\$ 23,27 bilhões em vendas).

Em junho, o fluxo cambial foi superavitário em US\$ 2,86 bilhões ante um déficit de US\$ -1,16 bilhão no mês anterior, acumulando um superávit de US\$ 4,1 bilhões em 12 meses. O resultado do mês foi decorrente da entrada de US\$ 3,83 bilhões no fluxo comercial, que por sua vez contou com US\$ 24,32 bilhões em exportações e US\$ 20,49 bilhões em importações, e da saída de US\$ 975,0 milhões no fluxo financeiro, que contou com US\$ 64,34 bilhões em compras e US\$ 65,31 bilhões em vendas.

Em 12 meses, o saldo comercial acumulou US\$ 34,34 bilhões, o que representou uma elevação de 42,3% a.a., e o financeiro totalizou um déficit de US\$ -30,21 bilhões, uma alta de 112,7% a.a..

***Cesta de Moedas de países emergentes:**
Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Real/US\$

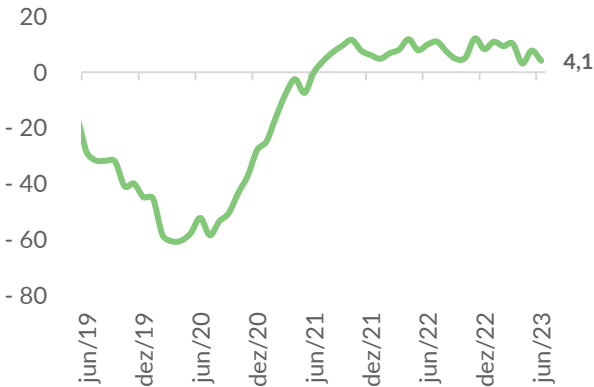


Quadro Câmbio

Moeda	Cotação do US\$		Variação		
	21/07/2023	Semana	Mês	12 meses	
Real	4,78	-0,23%	0,36%	-13,06%	
Euro	0,90	0,93%	-1,24%	-8,04%	
Libra esterlina	0,78	1,86%	-0,65%	-6,68%	
Rand sulafricano	17,96	-0,82%	-1,94%	5,30%	
Peso mexicano	16,99	1,41%	-0,77%	-17,66%	
Peso argentino	269,45	1,66%	6,98%	107,91%	
Peso colombiano	3970,14	-2,79%	-4,26%	-10,24%	
Rublo russo	90,67	0,37%	7,69%	59,07%	

Fluxo Cambial

Saldo acumulado em 12 meses - em US\$ bi



Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

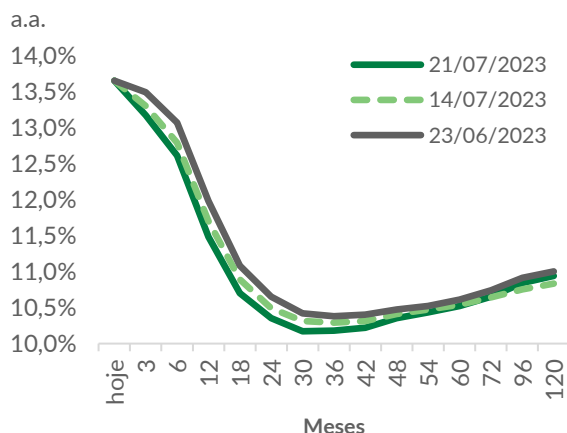
Taxa de Juros

Com a proximidade da próxima reunião de política monetária e uma crescente aposta de um corte de 0,50 p.p. na taxa Selic, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) se deslocou para baixo, com quedas nos prêmios nas partes curta e intermediária da curva. A exceção ficou com os vértices mais longos, com altas de 0,09 p.p. para 10,84% a.a. no de 8 anos e de 0,11 p.p. para 10,94% a.a. no de 10 anos.

Em relação à semana anterior, a taxa para 6 meses saiu de 12,79% a.a. para 12,61%, a de 1 ano saiu de 11,70% a.a. para 11,48%, a de 2 anos foi de 10,49% a.a. para 10,35%, a de 3 de 10,29% a.a. para 10,18%, a de 4 de 10,41% a.a. para 10,35% e a de 5 saiu de 10,54% a.a. para 10,52%.

Ainda na semana, a medida de risco calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, subiu 0,33 p.p. para -0,54 p.p.. Apesar da forte melhora, segue em campo negativo desde 03/04/23 (-0,03 p.p.). Em linha, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, dos títulos públicos divulgados pela Anbima, aumentou 0,37 p.p. para -0,38 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros

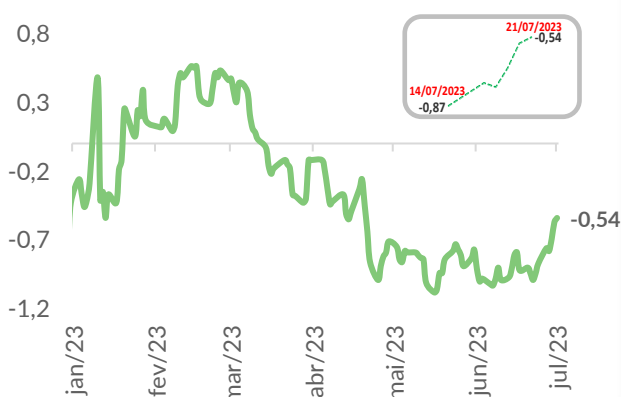


Swap DI Pré-360 dias



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos – em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

Projeções SPE – Jun/23

Com uma projeção mais otimista do que as estimativas do Boletim Focus, a Secretaria de Política Econômica (SPE) do Ministério da Fazenda revisou a projeção de crescimento do PIB para 2023 de 1,9% em mai/23 para 2,5%.

A alteração deveu-se ao resultado do PIB no 1T23 ter sido melhor do que o previsto para o setor agropecuário e para alguns subsetores de Serviços (Transporte e Comércio) e Indústria (Extrativa e a Produção e distribuição de energia e gás), além da expectativa do início do ciclo de flexibilização monetária em função da desinflação em curso.

De acordo com o Boletim MacroFiscal, a melhora nas projeções para 2023 deverá ocorrer em todos os setores. O avanço do agropecuário passou de 11,0% em mai/23 para 13,2%. Para a Indústria, a expansão estimada avançou de 0,5% para 0,8%, enquanto a de Serviços passou de 1,3% para 1,7%.

Sem alterações ao número anterior, espera-se que a expansão desacelere para 2,3% em 2024 em função da menor contribuição do setor externo e do menor crescimento esperado para o setor agropecuário. Todavia, deve ocorrer uma expansão mais homogênea entre os setores e baseada na recuperação da absorção doméstica.

Concomitantemente, as projeções para a inflação seguiram em trajetória de desaceleração, repercutindo principalmente a menor inflação de serviços, de bens industriais e de alimentação no domicílio, cenário que deve prosseguir nos próximos meses por causa dos efeitos defasados da apreciação cambial e da descompressão dos custos no atacado.

Para 2023, a SPE projeta um IPCA de 4,85% a.a. ante 5,58% a.a. do Boletim anterior e de 3,30% para 2024 contra 3,63% previstos anteriormente. A revisão para esse ano refletiu as surpresas positivas com o IPCA de abr/23 e mai/23, o menor reajuste nos planos de saúde, redução dos preços dos combustíveis nas refinarias e nas tarifas de energia elétrica residencial e dos ônibus urbanos. No caso de 2024, a atualização reflete a mudança no cenário de câmbio e de preço de commodities, além dos menores reajustes previstos para os preços monitorados, em parte por causa da desinflação esperada para 2023, em parte por causa das condições projetadas para a demanda externa.

Ainda, as projeções do Prisma apontam uma melhora nas expectativas fiscais em um indicativo de que as medidas fiscais adotadas recentemente e a perspectiva de melhora no cenário econômico parecem ter sido incorporados pelo mercado. Assim, a projeção do déficit primário reduziu-se de R\$ 125,99 bilhões em jan/23 para R\$ 101,75 bilhões em junho (R\$ 100,67 bilhões em mai/23) e da Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG), em relação ao PIB, recuou de 79,10% em jan/23 para 76,67% (77,09% em mai/23). Contribuiu ainda para a melhora nas expectativas do resultado primário, a significativa evolução do comportamento da arrecadação das receitas federais.

Projeções de Curto Prazo					Projeções de Médio Prazo		
Oferta	Variação % sobre o trimestre anterior (com ajuste sazonal)		Variação % sobre o mesmo trimestre do ano anterior		Projeções de crescimento do PIB (%)		
					Data da projeção		
	1T23	2T23	1T23	2T23	Ano	Mai/23	Jun/23
PIB	4,0	2,7	3,3	3,1	2023	1,90	2,50
Agropecuária	18,8	12,2	6,0	9,8	2024	2,30	2,30
Indústria	1,9	0,7	2,4	2,0	2025	2,80	2,80
Serviços	2,9	2,0	3,9	3,2	2026	2,50	2,50
					2027	2,60	2,60

Monitor do PIB – Mai/23

Em consonância com a queda de -2,0% verificada no IBC-Br do Banco Central, o monitor do PIB da FGV apontou que a atividade econômica se retraiu em -3,0% em maio. No comparativo com mai/22, o crescimento foi de 1,8% e de 3,5% no trimestre móvel findo em maio.

A queda na margem foi ocasionada pelo desempenho mais fraco da atividade agropecuária em maio, com o término do impacto da safra recorde de soja, que elevou substancialmente o PIB no 1T23, e pelas retrações em menor magnitude na indústria e serviços.

Na comparação interanual da série trimestral dos componentes da demanda, o consumo das famílias cresceu 2,9% no período findo em maio. Mas apesar do crescimento, há uma tendência de redução desde o final de 2022. O consumo de serviços é o principal fator para esse declínio, saindo de uma expansão média de 7,0% em 2022 para 2,3% no trimestre findo em maio. Com uma retração de 0,8% neste período, a formação bruta de capital fixo (FBCF) foi impactada pelo pior desempenho do segmento de máquinas e equipamentos, a despeito do crescimento do segmento de construção.

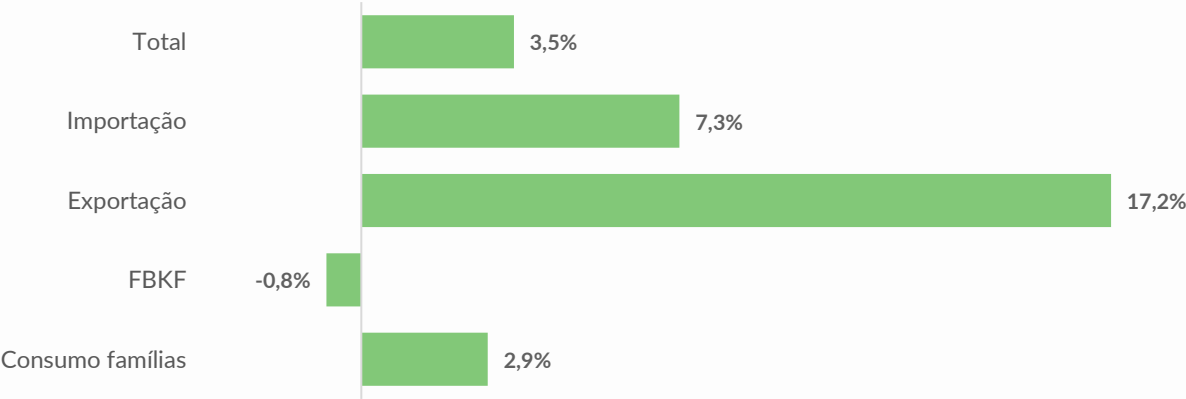
Do lado externo, na mesma base, as exportações de bens e serviços aumentaram 17,2% no trimestre findo em maio, com as contribuições das vendas de produtos da extrativa mineral e da agropecuária. Enquanto as importações indicaram uma alta de 7,3% no período. Exceção à importação de produtos agropecuários, todos os demais componentes contribuíram positivamente, com ênfase em bens de consumo, cuja expansão foi de 28,0%.

Ainda, a FGV estima que a taxa média de investimento de maio ficou em 18,9%, acima da média mensal histórica desde 2015 (16,6%). O movimento, divergente do que ocorreu nos primeiros meses de 2023, associa-se à redução da contribuição da agropecuária para o crescimento do PIB.

Em termos prospectivos, espera-se uma desaceleração no ritmo de crescimento da atividade econômica de forma compatível com os efeitos defasados da política monetária, os juros elevados, alto endividamento das famílias, crédito mais restrito e o menor fôlego para o setor de serviços.

Nesse sentido, na última edição do Boletim Macro do FGV/Ibre, a projeção de aumento do PIB era de 1,6% para 2023, valor abaixo do apresentado pelo levantamento Focus. Contudo, a possibilidade de que o consumo das famílias gere um impulso adicional ao PIB no 2T23 em função das iniciativas de governo, como o aumento do salário mínimo, do novo Bolsa Família e, também, pela queda nos preços dos alimentos.

Variação interanual da Série Trimestral Trimestre móvel findo em maio



Fonte: FGV. Elaboração ABBC

IGP- 10- Jul/23

Completando o 4º mês consecutivo com variação negativa, mas atenuando a queda de -2,20% em jun/23, o IGP-10 encerrou julho com uma deflação mensal de -1,10%. No ano, o índice acumulou uma retração de -5,20%.

A deflação menor no mês refletiu a variação de -3,14% em jun/23 para -1,54% do Índice de Preços ao Produtor (IPA), com os preços dos produtos agropecuários saindo de -4,22% para -3,40% e dos industriais de -2,72% para -0,83%.

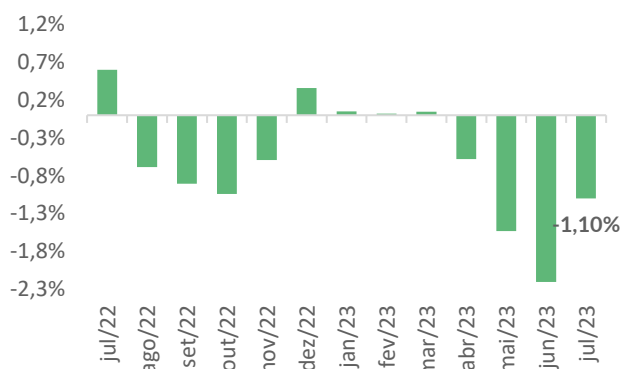
A principal contribuição para a redução mensal do IPA foi a das matérias primas brutas, com retração de -1,31% na margem, seguidas pelas dos bens finais com queda de -0,97% e bens intermediários com diminuição de -0,52%.

Com a reoneração de impostos federais sobre os combustíveis, o índice de preços ao consumidor (IPC) reverteu a queda de -0,18% em jun/23 para uma alta de 0,02%. 4 das 8 classes de despesa componentes do índice registraram acréscimo em suas taxas de variação, com destaque para Educação, Leitura e Recreação, cuja taxa passou de -1,93% para 0,99%.

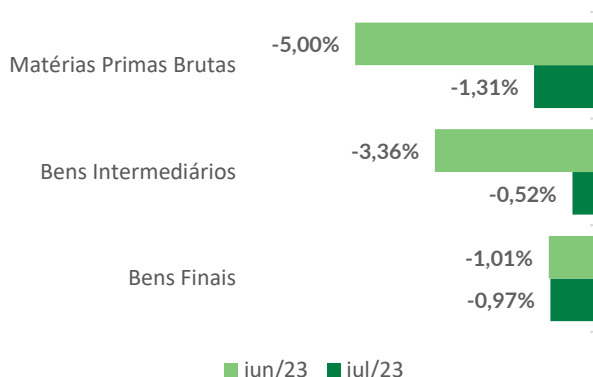
Enquanto, o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) variou 0,01% em julho, após a alta de 1,19% em jun/23. A desaceleração dos reajustes captados pela mão de obra de 2,27% para 0,28% contribuiu com o movimento do mês. O grupo Materiais e Equipamentos variou de 0,10% em jun/23 para -0,22% e Serviços repetiu a taxa do mês anterior de 0,32%.

Dessa forma, o IGP-10 segue com tendência cadente, acumulando deflação de -7,89% a.a. (-6,31% a.a. em jun/23 e 10,87% a.a. em jul/22). Na mesma base comparativa, o IPA encerrou com queda de -11,51% a.a. (-9,62% em jun/23 e 10,98% a.a. em jul/22), o IPC com alta de 2,24% a.a. (2,65% em jun/23 e 9,97% a.a. em jul/22) e o INCC com elevação de 3,44% (4,73% em jun/23 e 11,71% em jul/22).

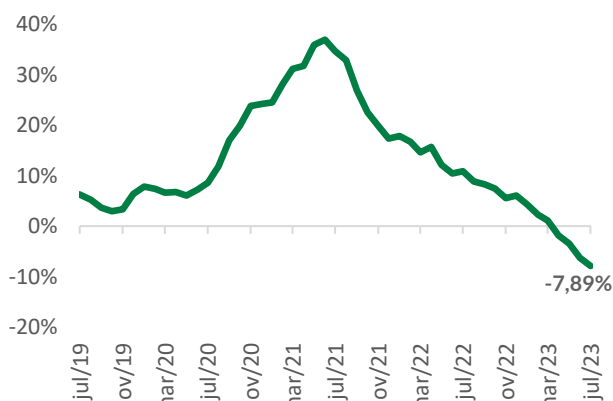
Variação Mensal



IPA – Estágios de Processamento Variação Mensal



Variação Anual



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

Demanda por Crédito – Jun/23

Após o avanço de 13,9% em mai/23, o Indicador de Demanda por Crédito (IDC), da Serasa Experian, mostrou uma queda em junho de -5,7% na procura por crédito pelas empresas. No semestre, a demanda recuou -3,5% em relação a igual período do ano passado. A série com a variação acumulada em 12 meses mantém uma trajetória cadente desde dez/22 (-0,2% a.a.), alcançando -6,4% a.a. em junho (-5,5% a.a. em mai/23 e 16,7% a.a. em jun/22).

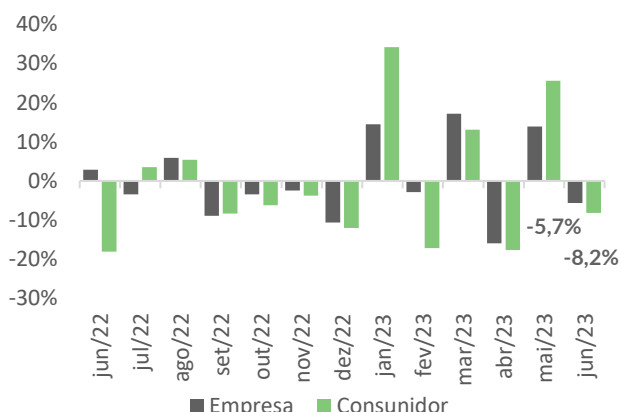
No mês, todos os setores registraram recuo, apresentando as seguintes variações: -7,1% nos serviços, -4,5% na indústria e -4,2% nos serviços e nos demais. Por sua vez, apenas as micro e pequenas empresas demandaram menos crédito no mês, -5,9%, enquanto para as médias e grandes ocorreram altas de 1,0% e 1,6%, respectivamente.

O elevado patamar da taxa básica de juros dificulta a decisão das empresas na tomada de crédito, afetando principalmente as empresas de menor porte, cuja demanda recuou em -8,4% em comparação com jun/22, enquanto a das médias empresas caiu 2,1% a.a. e das grandes elevou-se 9,1% a.a..

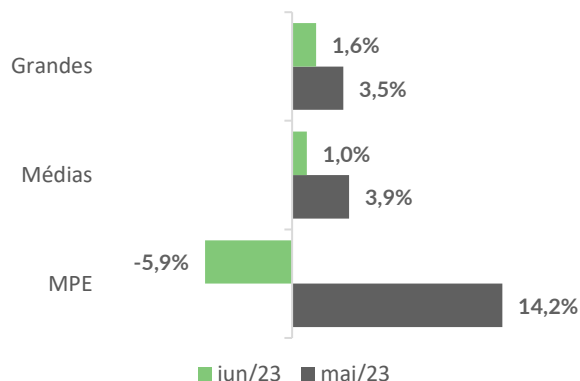
No lado dos consumidores, o IDC também registrou uma menor procura no mês, de -8,2%, após o avanço de 25,6% no mês anterior (-18,1% em jun/22). Houve recuo em todas as faixas de renda, com destaque para a queda de -9,0% na demanda dos consumidores com renda de R\$ 5 mil a R\$ 10 mil, seguida pela redução de -8,8% para aqueles que ganham de R\$ 1 mil a R\$ 2 mil e de R\$ 2 mil a R\$ 5 mil.

No semestre, a demanda dos consumidores por crédito retraiu-se em -12,5% em relação ao mesmo período de 2022. Desde nov/22 quando avançava em 0,7% a.a., o IDC acumulado em 12 meses mantém uma trajetória de desaceleração, encerrando junho em -14,0% a.a. (-13,8% a.a. em mai/23 e 12,6% a.a. em jun/22).

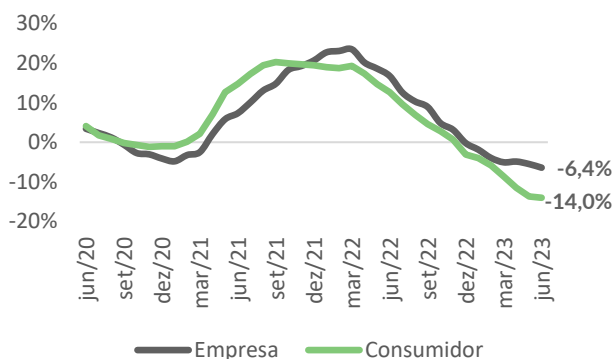
Variação Mensal



Variação Mensal Por porte



Variação Anual Acumulada em 12 meses



Fonte: Serasa Experian.. Elaboração ABBC

Falências e Recuperações Judiciais– Jun/23

Totalizando 92 ocorrências, os pedidos de recuperação judicial (RJ) cresceram em 61,4% em junho na comparação com jun/22, porém mantendo-se abaixo das 119 ocorrências em mai/23.

Os dados da Serasa Experian indicam que o resultado contou com a participação significativa dos pedidos de micro e pequenas empresas. Com 63 eventos, as empresas desse porte representaram 68,5% do total. A seguir, houve 26 pedidos para as empresas média e 3 das grandes.

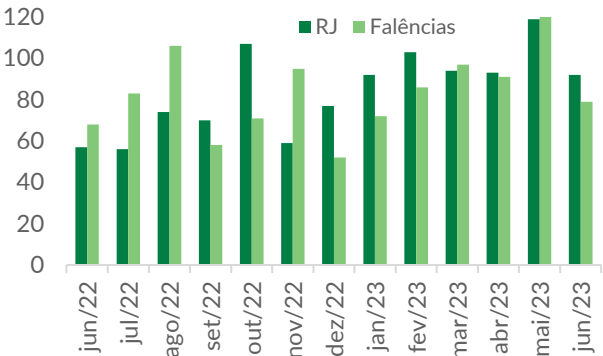
Na abertura de setores, os 43 requerimentos referentes a serviços em junho correspondem a 46,7% do total. O comércio registrou 31 pedidos, enquanto a indústria e o setor primário registraram, respectivamente, 14 e 4 pedidos.

No 1º semestre, os pedidos de RJ somaram 593 solicitações, um aumento de 52,1% no comparativo com igual período de 2022. A alta ocorreu em função do aumento da inadimplência das empresas desde set/21. O resultado foi puxado pelas micro empresas, com incremento de 60,7% no período (376 pedidos) e pelas empresas de serviços, com 261 solicitações representando um aumento de 36,6%.

No que diz respeito às falências requeridas, de um total de 79 ocorrências, 41 são de micro e pequenas empresas. Médias e grandes empresas registraram, cada, 19 pedidos. No 1º semestre de 2023, os pedidos de falências somaram 546, superando em 36,2% o resultado do mesmo período de 2022.

Em se tratando do acumulado em 12 meses, os pedidos de falência tiveram uma alta de 14,5% em jun/23 (1.011 solicitações), enquanto os pedidos de RJ variaram em 25,3% (1.036 requerimentos).

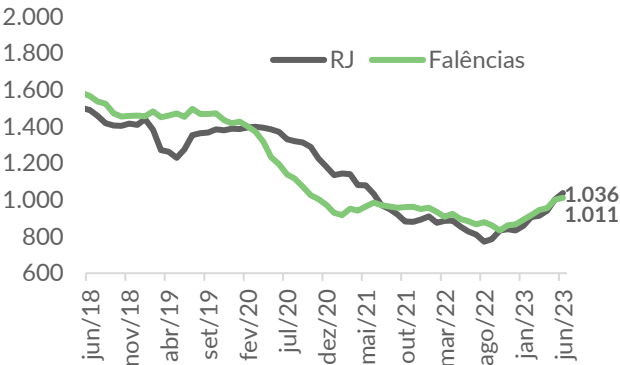
Falências e Recuperações Judiciais
Pedidos Mensais



Recuperações Judiciais

RJ Requeridas			
Setores	jun/22	mai/23	jun/23
Comércio	15	38	31
Indústria	8	16	14
Serviço	33	54	43
Primário	1	11	4
MPE	38	68	63
Média	14	38	26
Grande	5	13	3
Total	57	119	92

Falências e Recuperações Judiciais
Pedidos acumulados em 12 meses



Fonte: Serasa Experian.. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,2	1,3
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	6,9	8,3
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	8,5	9,0
IPCA (% a/a fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,8	3,9
IGP-M (% a/a fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-2,7	4,0
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	12,00	10,00
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	65,0	60,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-40,0	-50,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	80,0	80,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	5,00	5,05
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,0	-0,8
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,7	-7,0
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,6	62,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	76,7	79,0



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688